

OXIGÊNIO

OUTUBRO 2021



NÚMERO 26

Panorâmica
de Rosângela Rennó
na Pinacoteca de SP



EDITORIAL

E a arte resiste!

Cinco importantes exposições compõem essa edição: em São Paulo, a Panorâmica de Rosângela Rennó, na Pinacoteca; *O Vício impune* do artista colecionador, nas galerias Millan e Raquel Arnaud; e a vida, a obra e o legado da escritora Carolina Maria de Jesus, no Instituto Moreira Salles.

No Rio, *Crônicas Cariocas*, principal mostra do ano no MAR; *Supernova*, que contempla a produção artística de diferentes regiões do país, no MAM, e a inauguração - dia 9 - da nova sede do *Museu do Pontal*, na Barra da Tijuca.

Para oxigenar a vida, você também pode se inscrever num dos cursos da EAV Parque Laje, para exercitar a imaginação; assistir online *As aves da noite*, drama de Hilda Hilst com direção de Hugo Coelho; ou ainda participar dos Diálogos Contemporâneos no Distrito Federal (presencial e online) de 5 a 29, que reúne grandes nomes da literatura para discutir preconceitos e democracia no Brasil.

Direto de Londres, nossa correspondente convida para um passeio na *Sutton House*, uma mansão Tudor listada como Grau II na *Homerton High Street*.

E com a recente reabertura das fronteiras da Espanha para o Brasil, conheça Menorca, a mais catalã das ilhas Baleares.

Mas se prefere ficar em casa exercitando seus dotes culinários, veja as facas que fazem a delícia de chefs e amadores.

Boa leitura!

Foto de capa: Paulo Costa – Rosângela Rennó, Série *Realismo Fantástico*, 1991

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: EAV Parque Lage convida a imaginar outros mundos | *As aves da noite* – drama de Hilda Hilst ganha palco virtual com direção de Hugo Coelho | *Diálogos Contemporâneos* no Distrito Federal reúne grandes nomes da literatura para discutir preconceitos e democracia no Brasil, entre os dias 5 e 29

12

EXPOSIÇÃO: Pinacoteca de São Paulo inaugura exposição panorâmica de Rosângela Rennó

16

INAUGURAÇÃO: Museu do Pontal inaugura sua nova sede, na Barra da Tijuca, RJ

22

EXPOSIÇÃO: Até dia 30, nas galerias Millan e Raquel Arnaud, em São Paulo, o vício impune do artista colecionador

26

TURISMO: Menorca, um destino para poucos

32

EXPOSIÇÃO: *Crônicas Cariocas*, principal exposição de 2021 no MAR – Museu de Arte do Rio, mostra o Rio que se embeleza e finge não ver o subúrbio

35

GASTRONOMIA: Conheça as facas que fazem a alegria dos chefs e cozinheiros

38

EXPOSIÇÃO: *Supernova* – MAM Rio lança programa de exposições individuais contemplando a produção artística de diferentes regiões do país

41

LITERATURA / EXPOSIÇÃO: Instituto Moreira Salles Paulista inaugura exposição sobre a vida, a obra e o legado da escritora Carolina Maria de Jesus

46

DIRETO DE LONDRES: Minha vizinha Sutton House

Jornalista Responsável: Vera Matagqueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradora: Antonella Kann

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

EAV PARQUE LAGE CONVIDA A IMAGINAR OUTROS MUNDOS



EAV Parque Lage, fachada do palacete

Foto: Renan Lima

Exercício de imaginação coletiva conduz os cursos do segundo semestre da Escola de Artes Visuais

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage) convoca seus alunos e professores a um exercício de imaginação coletiva: crer na arte como ferramenta para interpretar, elaborar e reconstruir mundos. Inventar uma outra forma de coexistência, mais justa, plural e verdadeiramente democrática. Como testar hipóteses

e alternativas para um mundo em colapso senão num exercício de imaginação? Urge suspeitar da ordem, da norma e da regra.

Para o curador da EAV, Ulisses Carrilho, imaginar é uma tarefa radical. Ele acredita que as salas de aula, ainda

que online, são espaços de criação e debate importantes como alternativa à tensa coreografia do distanciamento social:

“Nosso último ano serviu não apenas para remodelar estratégias pedagógicas, mas também para compreender que juntos podemos exercitar outras perspectivas mais interessantes, para tudo aquilo que criamos e enxergamos com alunos em todos os estados do Brasil e até mesmo fora dele”, reflete Carrilho. *“É urgente que imaginemos outras estratégias para a solidariedade e*

o cuidado mútuo. Precisamos ampliar nossas redes na direção de um corpo coletivo, alargado. Para isso, precisaremos também aventar aquilo que ainda não foi imaginado. Em tempos de crise humanitária e social, estamos seguros de que a arte sozinha não oferece todas as respostas esperadas, mas pode contribuir com o alargamento radical de nossos imaginários”, afirma.

Mais informações: <http://eavparquelage.rj.gov.br/cursos-2o-semester-de-2021/>

CONFIRA ALGUNS CURSOS DESTE MÊS

Aparecer e significar a arte abstrata, com Paulo Couto

5 de outubro a 25 de novembro. Terças e quintas, das 19h às 22h

<http://eavparquelage.rj.gov.br/aparecer-e-significar-a-arte-abstrata/>

Artista mulheres no Brasil – módulo 2, com Fernanda Lopes e Carolina Martinez

26 de outubro a 23 de novembro. Terças, das 19h às 21h

<http://eavparquelage.rj.gov.br/artistas-mulheres-no-brasil-modulo-2/>

Experiências gráficas: narrativas e memórias do cotidiano (PRESENCIAL), com Bia Amaral e Giodana Holanda

7 de outubro a 25 de novembro. Quintas, das 14h às 17h

<http://eavparquelage.rj.gov.br/experiencias-graficas-narrativas-e-memorias-do-cotidiano/>

Exposições de arte visuais – da ideia à realização, com Julia Baker e Stella Paiva

6 de outubro a 24 de novembro. Quartas, das 19h às 21h

<http://eavparquelage.rj.gov.br/exposicoes-de-arte-visuais-da-ideia-a-realizacao/>

Fotografia iniciante (turma 2), com Thiago Barros

5 a 28 de outubro. Terças e quintas, das 19h às 21h

<http://eavparquelage.rj.gov.br/fotografia-iniciante-5/>

AS AVES DA NOITE



Foto: Priscila Prade

VERSÃO CONTEMPORÂNEA DA PEÇA DE HILDA HILST GANHA PALCO VIRTUAL

A encenação, com direção de Hugo Coelho traz os atores Marco Antônio Pâmio, Marat Descartes, Regina Maria Remencius, Rafael Losso, Davi Tápias, Marcos Suchara e Davi Tostes, além de participação especial de Genezio de Barro

O espetáculo *As Aves da Noite*, drama teatral escrito por Hilda Hilst há 52 anos, tem estreia online pelo canal *Curadoria Hilst* no YouTube, nos dias 5, 6 e 7 de outubro (de terça a quinta, às 20h). Após sessões dos dois primeiros dias, o diretor e elenco participam de bate-papo com o público. Na sequência, a montagem segue em circulação pelos canais virtuais do Teatro Cacilda Becker, Teatro João Caetano, Teatro Paulo Eiró e Teatro Arthur Azevedo, sempre com acesso gratuito.

O enredo de *As Aves da Noite* parte da história real do padre franciscano Maximilian Kolbe que, no campo de concentração nazista de Auschwitz, apresentou-se voluntariamente para ocupar o lugar de um judeu sorteado para morrer no chamado “porão da fome”, em represália à fuga de um prisioneiro. Segundo o diretor Hugo Coelho, *“essa é uma versão contem-*

porânea do texto de Hilda. Não é uma peça sobre Auschwitz, partimos de Auschwitz, pois nosso lugar de fala não é o da reconstrução”.

A montagem de *As Aves da Noite* busca elucidar a humanidade e densidade contidas no texto, mergulhando nas possibilidades inesgotáveis do drama para emergir na poética da tragédia. *“O discurso racional não dá conta da realidade. A arte tem o papel de traduzir esse discurso como uma segunda realidade que passa pela razão, mas também pelo sensorial e pela emoção”*, re-flete Hugo Coelho.

Sobre o texto, Hilda Hilst falou: *“Com As aves da Noite, pretendi ouvir o que foi dito na cela da fome, em Auschwitz. Foi muito difícil. Se os meus personagens parecerem demasiadamente poéticos é porque acred-*

ito que só em situações extremas é que a poesia pode eclodir viva, em verdade. Só em situações extremas é que interrogamos esse grande obscuro que é Deus, com voracidade, desespero e poesia”.

Hugo Coelho afirma que o propósito do espetáculo é trazer à cena o discurso artístico poderoso e contundente de Hilda Hilst. *“As Aves da Noite nos faz encarar toda a barbárie do*



poder, do domínio, do autoritarismo, das torturas nos porões das ditaduras. Auschwitz é uma ferida aberta na humanidade para a qual não há palavras que qualifique. Não podemos permitir que a violência e a barbárie sejam normatizadas ao longo da história. Por isso essa obra de extrema qualidade literária é tão importante para o momento em que vivemos”, finaliza o encenador.

Maximilian Kolbe morreu em Auschwitz, em 1941, e foi canonizado em 1982, pelo Papa João Paulo II. São Maximiliano é considerado padroeiro dos jornalistas e radialistas e protetor da liberdade de expressão.

SERVIÇO

Espectáculo: As Aves da Noite

Estreia: dias 5, 6 e 7 de outubro. Terça a quinta, às 20h

Onde: Curadoria Hilst

Exibição online: [Youtube/CuradoriaHilst](https://www.youtube.com/channel/UCuradoriaHilst)

(não ficará disponível após horário agendado)

Grátis. Duração: 75 min.

Gênero: Drama. Classificação: 16 anos.

Haverá bate-papo com o público após sessões dos dias 5 e 6/10.

Temporada online

Sexta e sábado, às 21 | Domingo, às 19h

Com tradução em Libras.

Dias 15, 16 e 17 de outubro

Teatro Cacilda Becker

[Facebook/TeatroCacildaBeckerSP](https://www.facebook.com/TeatroCacildaBeckerSP)

[YouTube/TeatroCacildaBecker](https://www.youtube.com/channel/UCacildaBecker)

Dias 22, 23 e 24 de outubro

Teatro João Caetano

[Facebook/teatropopularjoaocaetano](https://www.facebook.com/teatropopularjoaocaetano)

[YouTube/TeatroJoãoCaetanoSãoPaulo](https://www.youtube.com/channel/UCJoãoCaetanoSãoPaulo)

Dias 29, 30 e 31 de outubro

Teatro Paulo Eiró

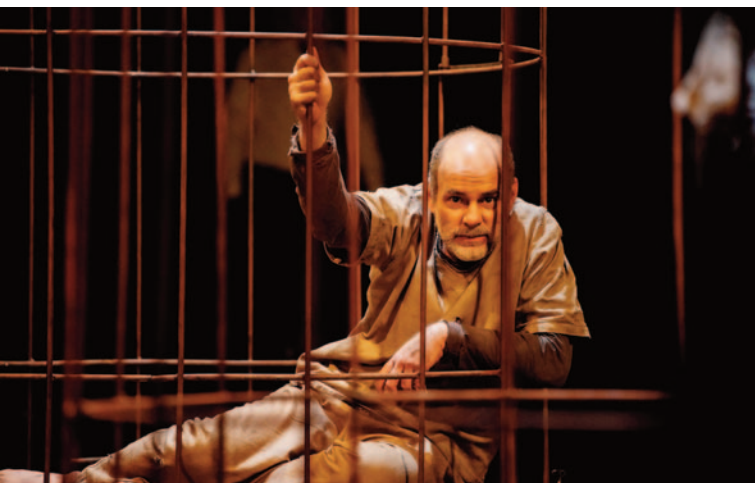
[Facebook/teatropauloeiro](https://www.facebook.com/teatropauloeiro)

Dias 5, 6 e 7 de novembro

Teatro Arthur Azevedo

[Facebook/teatroarthurazevedosp](https://www.facebook.com/teatroarthurazevedosp)

[YouTube/TeatroArthurAzevedoSP](https://www.youtube.com/channel/UCArthurAzevedoSP)



Fotos: Priscila Prade

Diálogos Contemporâneos
no Distrito Federal
reúne grandes nomes
da literatura para discutir
preconceitos e
democracia no Brasil,
entre os dias 5 e 29

A quarta edição dos Diálogos leva a Taguatinga e Sobradinho autores como Fabrício Carpinejar, Elisa Lucinda, Renato Janine, Xico Sá e Mario Prata. Entre os temas, os dilemas sociais atuais e propostas para fortalecimento da democracia, cuidado com meio ambiente e a promoção da diversidade. O evento terá dois convidados por semana, em sessões duplas realizadas num dia em Taguatinga e noutro em Sobradinho

Designed by ikatod / Freepik

O diálogo e a reflexão são os eixos do projeto **DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS**, que volta a contribuir para a transformação da cultura nacional, depois do recrudescimento da pandemia, a partir dos predicados da democracia, da liberdade de expressão, da alteridade e da construção de um pensa-

mento crítico e emancipador por meio da arte. Nesta quarta edição, a cada semana dois convidados discorrem sobre um aspecto do pensamento contemporâneo, sempre em duas sessões cada um: a primeira no Centro Cultural Taguaparque (Taguatinga) e a segunda no Ginásio de Es-

portes de Sobradinho. A entrada para as palestras é franca, mediante retirada de ingressos até uma hora antes do início. As palestras começarão sempre às 19h30, sujeitas à lotação dos espaços.

A série de diálogos contará com a participação de Elisa Lucinda, Fernando Morais, Sérgio Vaz, Mario Prata, Fabrício Carpinejar, Ignácio de Loyola Brandão, Xico Sá e Renato Janine. Cada um dos convidados irá conduzir reflexões sobre o Brasil e o mundo, num momento em que ainda se busca compreender os efeitos da atual pandemia tanto na esfera pública como na individualidade.

Novamente sob direção de Nilson Rodrigues, os *Diálogos Contemporâneos* promovem conversas sobre a humanidade, a partir das lentes da literatura, em todos os aspectos: desde os sociais, políticos e econômicos aos psicológicos, culturais, afetivos e geográficos. A pro-

posta do projeto é servir como um grande painel de debates, discussões e reflexões para estimular o pensamento crítico do público sobre a complexa realidade em que estamos. *“Consideramos importante debater esses temas nesse momento, visto que valores como a solidariedade e a empatia têm tido pouco espaço em algumas camadas da sociedade, onde vicejam o ódio, o preconceito e a pregação da violência”*, resume o diretor geral do projeto, Nilson Rodrigues.

Os encontros mostram como a produção literária em seus diversos gêneros e narrativas contribui de modo central para se compreender os caminhos e descaminhos do país e construir saídas. *“A literatura brasileira tem muito a nos dizer sobre o momento que vivemos. Temos grandes escritores e ouvi-los é uma oportunidade para interpretar o país e o mundo. Valorizar nossos escritores significa impulsionar a riqueza cultural que o Brasil possui”*, explica Nilson.



Da esquerda para a direita: Fabrício Carpinejar; Elisa Lucinda; Xico Sá Fotos: Divulgação; Sérgio Vaz Foto: Jairo Goldflus

PROGRAMAÇÃO

A DEMOCRACIA, OS DIREITOS E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO EM TEMPOS DE FAKE NEWS, NEGACIONISMO E PÓS-VERDADE

Palestrante: **Elisa Lucinda**; Mediação: Hamilton Pereira; Datas: 5 e 6 de outubro

Local: Centro Cultural Taguaparque (5 de outubro) e Ginásio de Esportes de Sobradinho (6 de outubro)

LITERATURAS, PESTES, PANDEMIAS e DISTOPIAS – FICÇÃO E REALIDADE

Palestrante: **Ignácio Loyola Brandão**; Mediação: José Carlos Vieira; Datas: 7 e 8 de outubro

Local: Centro Cultural Taguaparque (7 de outubro) e Ginásio de Esportes de Sobradinho (8 de outubro)

CENÁRIOS PARA UM MUNDO PÓS-PANDEMIA – O FIM DO SÉCULO XX E O FUTURO QUE NOS ESPERA

Palestrante: **Xico Sá**; Mediação: Cristiane Sobral (Taguatinga) e Maria Clara Xavier (Sobradinho)

Datas: 12 e 13 de outubro

Local: Centro Cultural Taguaparque (12 de outubro) e Ginásio de Esportes de Sobradinho (13 de outubro)

A LITERATURA QUE VEM DA PERIFERIA

Palestrante: **Sérgio Vaz**; Mediação: Sabrina Falcão (Taguatinga) e Tamara Naiz (Sobradinho)

Datas: 14 e 15 de outubro

Local: Centro Cultural Taguaparque (14 de outubro) e Ginásio de Esportes de Sobradinho (15 de outubro).

O ENVELHECIMENTO E O ESPAÇO SOCIAL DOS QUE NÃO SÃO MAIS JOVENS

Palestrante: **Mário Prata**; Datas: 19 e 20 de outubro

Local: Centro Cultural Taguaparque (19 de outubro) e Ginásio de Esportes de Sobradinho (20 de outubro)

LIBERDADE, NEUROSES E DEPRESSÃO EM UM MUNDO EM MUTAÇÃO

Palestrante: Fabrício Carpinejar; Datas: 21 e 22 de outubro

Local: Centro Cultural Taguaparque (21 de outubro) e Ginásio de Esportes de Sobradinho (22 de outubro)

SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E O BRASIL NO CENTRO DO DEBATE MUNDIAL

Palestrante: **Renato Nanine Ribeiro**; Mediação: Cynara Menezes; Datas: 26 e 27 de outubro

Local: Centro Cultural Taguaparque (26 de outubro) e Ginásio de Esportes de Sobradinho (27 de outubro)

GUERRA CULTURAL E A ARQUITETURA DA DESTRUIÇÃO – O PROJETO DE DEMOLIÇÃO DA DEMOCRACIA

Palestrante: Fernando Moraes; Mediação: Tereza Cruvinel; Datas: 28 e 29 de outubro

Local: Centro Cultural Taguaparque (28 de outubro) e Ginásio de Esportes de Sobradinho (29 de outubro)

SERVIÇO

DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS

Locais: Centro Cultural Taguaparque, Pistão Norte, altura da QNA 56, Taguatinga (às terças e quintas)

Ginásio de Esportes de Sobradinho, Q2, AE 3, Setor Esportivo de Sobradinho (às quartas e sextas)

Datas: de 5 a 29 de outubro, sempre de terça a sexta-feira; Horário: 19h30; Entrada franca

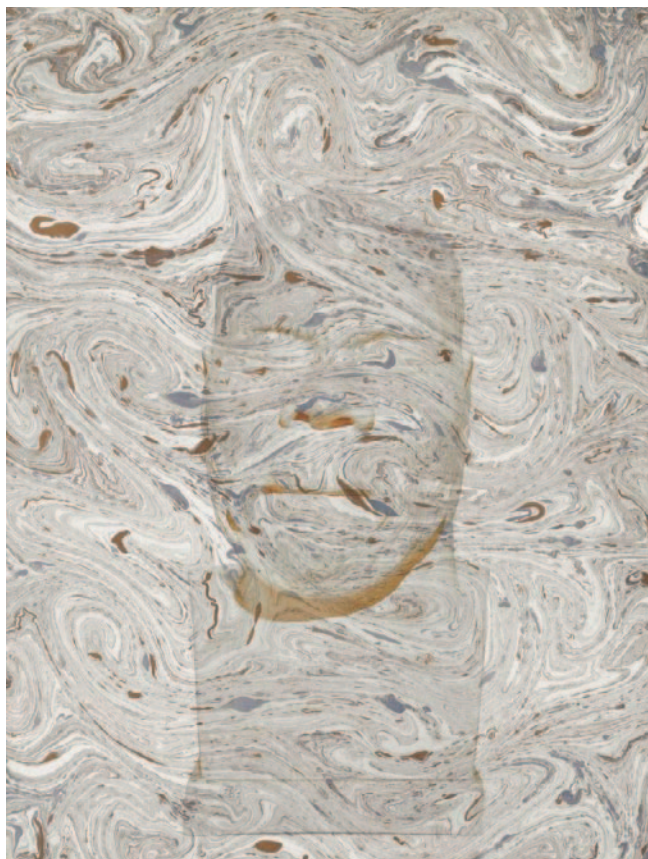


PINACOTECA DE SÃO PAULO INAUGURA EXPOSIÇÃO PANORÂMICA DE ROSÂNGELA RENNÓ

No Edifício Pinacoteca Estação, a mostra reúne cerca de 130 obras entre 1987 e 2021 e celebra os 35 anos de carreira da artista. Parte dos trabalhos da série Seres notáveis do mundo (2014-2021) será apresentada pela primeira vez no Brasil. A exposição fica em cartaz de 2/10/2021 a 07/03/2022

A imortalidade a nosso alcance
Foto: Divulgação

A Pinacoteca de São Paulo celebra os 35 anos de carreira de Rosângela Rennó (Belo Horizonte, 1962) com a exposição *Pequena ecologia da imagem* que apresenta os principais argumentos que a artista desenvolveu em torno da "fotografia expandida", aquela que extrapola a criação de imagens autorais e inclui seus processos técnicos e sociais. Além de obras que pontuam toda essa trajetória, a curadoria inclui trabalhos que serão vistos pela primeira vez e um projeto comissionado pela Pina.



Série *Seres notáveis do mundo*

Foto: Divulgação

O ineditismo no Brasil fica por conta da instalação *Eaux des colonies* (2021), resultado da residência artística de Rennó em Colônia, na Alemanha, e a série *Seres notáveis do mundo* (2014-2021), produzida em Las Palmas, Espanha. Ainda faz parte da seleção, a videoinstalação *Terra de José Ninguém* (2021), uma reunião de videoaulas distribuídas pela igreja católica, em 1980, sobre a luta do cidadão comum pelos direitos políticos e civis, que foi comissionada pela Pinacoteca para a exposição. Também ganham ênfase os trabalhos *Realismo fantástico* (1991); *Série Vermelha (Militares)* (2000-3) e *Arquivo Universal* (1992-).

Com curadoria de Ana Maria Maia, a mostra adota trabalhos de linguagens diversas, das fotografias às coleções, objetos, instalações e obras audiovisuais que estarão distribuídas em três salas no quarto andar da Pinacoteca Estação. Apesar da variedade de suportes, há um direcionamento para o modo como a artista observou e comentou um imaginário histórico brasileiro e suas persistências no presente. A organização expositiva abandona a cronologia para uma apresentação com base nos assuntos tratados de forma persistente e recorrente no decorrer da sua trajetória.

"A artista considera a fotografia um pretexto para se questionar os arquivos, as narrativas e as relações de poder que fazem algumas imagens existirem e circularem, enquanto tantas outras permanecem invisíveis e, portanto, esquecidas. Nesse sentido, embora a lin-

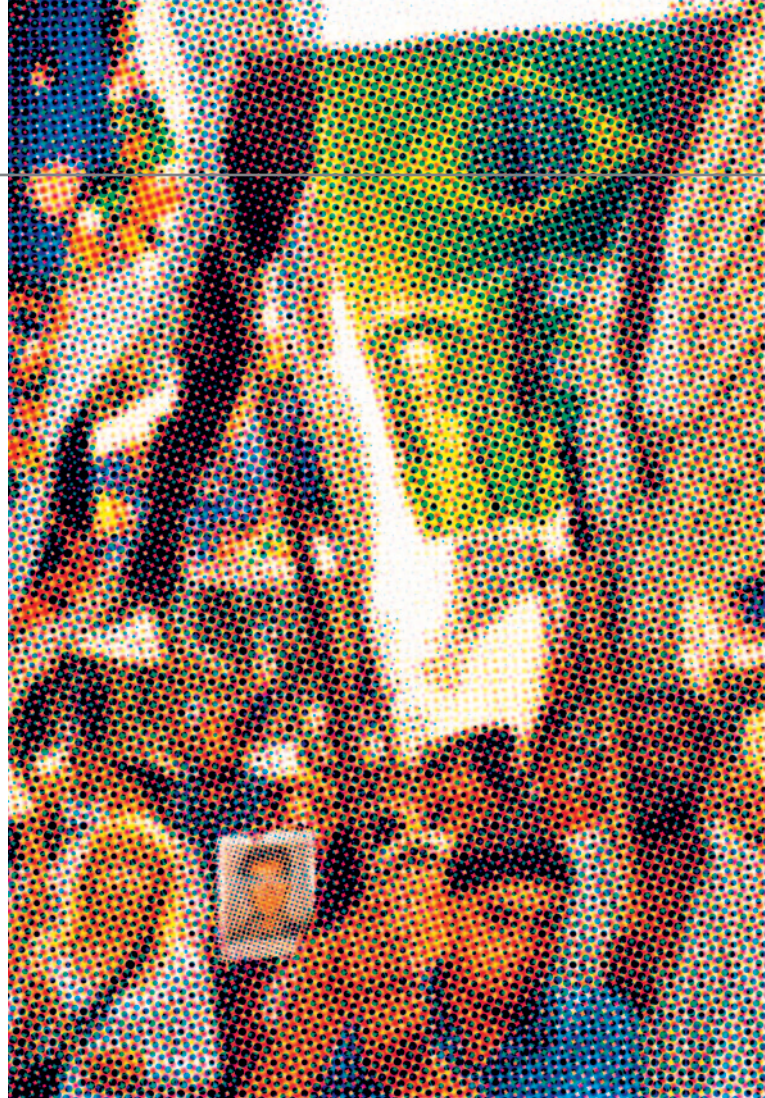
guagem fotográfica seja de fato predominante enquanto suporte e assunto em seu trabalho, ela aparece de forma expandida, o que envolve assumir seus bastidores, fazer críticas e desconstruções; entrelaçá-la a textos, máquinas, objetos e coleções", resume a curadora Ana Maria Maia.

NÚCLEOS TEMÁTICOS

Ao todo serão três núcleos temáticos. O primeiro se dedica à privacidade dos sujeitos e às políticas da memória. Nesse espaço constam trabalhos do início da carreira de Rosângela Rennó, quando predominava o recurso aos arquivos de família, de tom autobiográfico, e uma autorreferência dos processos e materiais fotográficos. A série *Pequena Ecologia da Imagem*, 1988, obra título da mostra, está nessa sala junto com parte dos álbuns de fotos tiradas por seu pai.

Rennó manipula os elementos da imagem, deixando ora muitos escuros, apenas as silhuetas, e faz comentários visuais e textuais nas próprias fotos reveladas. Na sala, há também obras posteriores, como a série *Corpo da alma* (2003), feita a partir de fotos de jornais em que familiares de desaparecidos portam fotografias para publicizar sua busca. A artista reproduz essas imagens e, a partir delas, reflete sobre o papel da fotografia como atestado de existência, muito mais do que apenas memória.

Na próxima sala, encontra-se uma produção artística pautada pela observação das instâncias públicas. Como a imprensa, o estado e as instituições de formação e



Corpo da Alma, Série *Pequena ecologia da imagem*
Foto: Marcelo Carnaval

controle contribuem para processos de subjetivação individuais e coletivos? É nesse eixo que o visitante terá acesso a alguns trabalhos do projeto *Arquivo Universal* (1992-), uma das séries mais longas e ainda em curso da artista: uma coleção de matérias de jornais onde se faz referência a uma fotografia que está ausente. Os relatos, como por exemplo, "*a mulher indiana, V., tirou de sua roupa a foto encardida*", são diagramados por Rennó e podem ser apresentados em contornos simples ou até mesmo tornarem-se parte de uma instalação com um design de luz



Olho de Peixes

Foto: Thiago Barros

próprio. É o que acontece em *Hipocampo* (1995-8), que está presente na mostra.

O último eixo traz uma análise constante da artista sobre os efeitos da colonialidade na manutenção de sistemas de controle e violência, permeados por questões de classe e principalmente de raça. Na sala, encontra-se o projeto inédito e ainda em construção *Eaux des colonies* (2020-), instalação com frascos de perfume que é resultado da residência artística de Rennó em Colônia, na Alemanha, realizada em 2020.

Para esse mais recente trabalho, Rennó retrata o espírito expansionista do colonialismo, ao abordar a história da água de colônia. Com o crescimento das rotas mercantis na Europa, o elixir passou de objeto de desejo, símbolo de um estrato social, a sinônimo para qualquer tipo de perfume, atravessado inclusive por uma prática de falsificação que atingiu várias partes do



Photographic

Foto: Divulgação

mundo. A pesquisa sobre o percurso da água de colônia ao longo de mais de 300 anos de história foi iniciada durante a pandemia da covid-19, quando diversas instituições ampliaram seus acervos digitais, o que facilitou os estudos. O objetivo é exemplificar a eficiência de alguns modelos de colonização até os tempos atuais por meio da observação da "vantajosa" relação entre colônia e colônias.

Serviço:

Pequena ecologia da imagem

Mostra panorâmica da artista Rosângela Rennó

Curadoria: Ana Maria Maia

Período: 02.10.2021 a 07.03.2022

Pinacoteca Estação

Endereço: 4º andar Largo General Osório, 66 - Santa Ifigênia

Ingressos Gratuitos, com reserva pelo sit

e www.pinacoteca.org.br

Patrocínio:

Credit Suisse, Shopping Pátio Higienópolis e Engeform

MUSEU DO PONTAL INAUGURA SUA NOVA SEDE NA BARRA DA TIJUCA, RJ

Novo equipamento de arte e cultura da cidade abriga o acervo que é referência nacional e internacional em arte popular brasileira, com mais de nove mil obras de 300 artistas de várias regiões do país. Em um terreno de 14 mil metros quadrados, 10 mil dos quais são de área verde, onde estão plantadas dezenas de milhares de mudas de 73 espécies nativas brasileiras. A inauguração da nova sede será no dia 9

O edifício de 2.600 metros quadrados de área construída, projetado dentro do conceito de sustentabilidade pelos *Arquitetos Associados*, está assentado sobre um terreno de 14 mil metros quadrados, consolidado e livre de inundações, dando segurança ao raro e sin-

gular acervo do Museu do Pontal. O terreno abrange 10 mil metros quadrados de área verde, com vista aberta para parte do conjunto de montanhas conhecido como *Gigante Adormecido*, que vai da Pedra da Gávea ao Pão de Açúcar.

Foto: Museu do Pontal / Divulgação



A nova sede do Museu do Pontal está 20 quilômetros mais perto do Centro da Cidade do que a antiga sede histórica, e fica próxima ao Bosque da Barra e da Cidade das Artes. A natureza é fundamental para contextualizar o acervo museu, e várias espécies foram cuidadosamente transplantadas da sede histórica para a nova, contribuindo expressivamente para a purificação e umidade do ar da região. O paisagismo é assinado pelo *Escritório Burle Marx*.

SEIS EXPOSIÇÕES INAUGURAIS

“NOVOS ARES: PONTAL REINVENTADO”

O conjunto das exposições inaugurais, “*Novos ares: Pontal reinventado*”, marca o importante momento na história do Museu. São seis exposições, uma de longa duração, e cinco temporárias, que reúnem 700 conjuntos de obras, com um total de cerca de duas mil peças. O Museu do Pontal tem um café/restaurante, uma loja, e uma extensa programação para todos os públicos.

A curadoria é assinada por Angela Mascelani, diretora artística do Museu do Pontal, e por Lucas Van de Beuque, diretor executivo, com a colaboração da designer Roberta Barros e do arquiteto Raphael Secchin no desenho expositivo, pesquisa Moana Van de Beuque e coordenação de conteúdo de Fabiana Comparato.

Angela Mascelani e Lucas Van de Beuque afirmam: “*Estamos fazendo mais do que uma exposição. Estamos criando as bases de um novo pensamento institucional. Esse pensamento tem a ver com uma outra forma de entender o Museu do Pontal e seu papel na sociedade.*”

A exposição está ligada à concepção geral do projeto desse Museu em si. E abrange desde as discussões sobre a arquitetura e os jardins até a maneira como as histórias estão sendo contadas, os fluxos do educativo e a programação estabelecida”.

GILBERTO GIL, DONA ISABEL, AILTON KRENAK E JOSÉ SARAMAGO

Em meio às exposições, o público verá a riqueza da arte popular através de vídeos e textos poéticos que somam-se a depoimentos de personalidades como Gilberto Gil, Dona Isabel, Ailton Krenak e José Saramago. O percurso expositivo de mil metros quadrados tem cores e aberturas em suas paredes, que permitem vislumbrar uma perspectiva do amplo espaço, de modo a revestir de magia e encantamento o mergulho do público no universo da arte popular.

“*Novos ares: Pontal reinventado*” abrange obras do acervo do Museu e de importantes coleções convidadas. A exposição de longa duração faz uma homenagem à

Exposição “*Brincadeiras e brincantes*”, obra de Antonio de Oliveira, Belmiro Braga/MG
Foto: Museu do Pontal / Divulgação



proposta original de apresentação das obras do Museu do Pontal criada por seu idealizador e fundador, Jacques Van de Beuque (1922-2000), que estabeleceu uma maneira própria e inovadora para apresentar o Brasil profundo revelado por seus artistas populares. Essa concepção foi revisitada à luz de 2021, com uma nova compreensão dos ciclos criados por ele, que apontavam as transformações do Brasil com a migração da área rural para a cidade.

A ARTE POPULAR E SEUS CRIADORES

Em torno da exposição central estarão cinco outras exposições nucleares, temporárias, focadas na diversidade da produção artística do país, com esculturas que dialogam com temas fortes da cultura brasileira, a partir dos olhares originais de seus autores.

Brincares – Brincadeiras e brincantes

Obras interativas e cinéticas como “Circo”, de Adalton Fernandes Lopes (Niterói, 1938 – 2005), e os brinquedos de madeira de Antonio de Oliveira (Minas Gerais, 1912-1996). O local tem uma arquibancada lúdica, apropriada para estimular a curiosidade das crianças, com provocações e instigações. O acervo de mamulengos também abrirá espaço para pequenas encenações de teatro de bonecos. Em uma área contígua há jogos digitais interativos, para adultos e crianças. A sala de jogos tem desafios ligados às danças brasileiras, como frevo, jongo, carimbó, chula e funk.

Terra/Terra – O Jequitinhonha e suas tradições

Nesse espaço que aposta num aprofundamento na di-

menção matéria das obras, o destaque são os artistas, em especial Noemisa Batista (1947), Dona Isabel Mendes da Cunha (1924-2014) e Ulisses Pereira Chaves (1929-2006). Em outro nível de leitura, o público é desafiado a pensar sobre o significado do termo tradição, em tempos de tantas e aceleradas mudanças.

Entre beiras e margens – Fogo, água, ar

Artistas do Alto do Moura, Pernambuco, como Mestre Vitalino (1909-1963), mostram em suas antológicas esculturas em barro a importância do fogo na feitura da cerâmica. Barcos trazem a energia primordial das águas do mar e do Rio São Francisco, com as carrancas de Mestre Guarany (1884-1985). Outros seres mitológicos, como as sereias e os barcos de presente a Oxum, estão nas obras de Zezinho de Arapiraca, Selvino (1941) e Tamba (1934-1987), da Bahia. Nhô Caboclo (1940), de São Paulo, e Laurentino (1937), do Paraná, com suas obras eólicas, que aludem à energia dos ventos, completam a exposição.

Poética da criação

Artistas cujas obras escapam às primeiras apreensões, fugindo aos temas consagrados historicamente na arte popular, reúnem-se nesse setor. São seres fabulosos, personagens fantásticas, criações ímpares. Nesse espaço, há um diálogo maior entre as obras reunidas por Jacques Van de Beuque no Museu do Pontal e outras coleções convidadas, criadas tanto por indivíduos apaixonados por arte popular, como Irapoan Cavalcanti, Jorge Mendes e Jairo Campos, entre outros, como por acervos vindos de importantes instituições

brasileiras, como SESC-SP e Itaú Cultural. Aqui, os destaques são Manoel Galdino (1929-1996), do Alto do Moura, Pernambuco, GTO (1913-1990), de Minas, e Nino (1920-2002), de Juazeiro do Norte, Ceará, além de artistas inovadores da Ilha do Ferro, Alagoas.

Devoções

Em uma leitura livre e abrangente, esse setor apresenta a diversidade de expressões da fé, e os artistas vinculados às devoções populares, incluindo sua dimensão festiva. Os destaques, além dos ex-votos, são os artistas Otávio, e seus orixás, Mestre Didi (1917), da Bahia, e sua estética afro-brasileira, e Zé do Carmo (1934), de Pernambuco, com seus anjos negros. Uma sala especial reúne presépios – a um depoimento sensível de Caetano Veloso, sobre suas memórias de Natal. No trajeto,

um encontro com as grandes engenhocas cinéticas de Adalton Lopes (1938-2005), de Niterói: a *“Vida de Cristo”* e o *“Carnaval no Sambódromo”*.

Com a inauguração, a cidade ganha um novo e importante equipamento de arte e cultura, resultado de uma grande colaboração coletiva que envolveu mais de mil pessoas e empresas como BNDES, Instituto Cultural Vale, Itaú Cultural, entre outras, a partir da Lei de Incentivo à Cultura do Governo Federal. E ainda, especialmente, o IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) e a Prefeitura do Rio de Janeiro.

Mais informações em

<http://www.museucasadopontal.com.br/>



Exposição *“Brincadeiras e brincantes”*, obra *Circo* de Adalton Fernandes Lopes, Niterói/RJ
Foto: Museu do Pontal / Divulgação



Exposição *“Terra/Terra – O Jequitinhonha e suas tradições”*, obra de Noemisa Batista, Carai/MG
Foto: Museu do Pontal / Divulgação



Exposição *"Entre beiras e margens – Fogo, água, ar"*, obra de Mestre Vitalino, Caruaru/PE
Foto: Museu do Pontal / Divulgação



Exposição *"Poética da criação"*, obra de Manoel Graciano, Interior do Ceará
Foto: Museu do Pontal / Divulgação



Exposição *"Devoções"*, obra de Ciça, Juazeiro do Norte/CE

Foto: Museu do Pontal / Divulgação



Sérgio Camargo, *Série Mulher*
Acervo Galeria Raquel Arnaud

ATÉ DIA 30, NAS GALERIAS MILLAN
E RAQUEL ARNAUD, EM SÃO PAULO,
O VÍCIO IMPUNE DO ARTISTA COLECIONADOR

A exposição coletiva “Vício impune: o artista colecionador”, com curadoria de Gabriel Pérez-Barreiro, reúne nas duas galerias uma seleção de nove artistas representados ao redor do diálogo entre seus trabalhos e coleções



Tunga, *Evolution*

Acervo Galeria Millan

Em um artigo de 1977, o artista Willys de Castro descreveu a coleção de arte como um “vício impune”, uma atividade compulsiva que tem “feito mais virtuosos do que pecadores”. A exposição examina as coleções montadas pelos artistas como uma imersão única no campo de suas influências e afinidades.

Os escolhidos para a mostra são aqueles para quem o ato de colecionar constitui parte essencial de sua prática, e suas coleções nos levam a aprender algo capaz de expandir nossa compreensão sobre o trabalho de cada um. Há tantos modelos de coleta quanto há artistas, e os nove diálogos apresentados no espaço de ambas as galerias apresentam um microcosmo do interesse de cada artista em sua história e no presente.

Artistas sempre colecionaram ao longo da história. Vale lembrar que Rembrandt colecionou objetos de história natural; os impressionistas colecionaram impressões japonesas; Picasso, Arte Africana; Matisse, tapetes orientais. Na atualidade, Jeff Koons é um dos mais ativos colecionadores de desenhos barrocos franceses e a coleção de arte afro-brasileira de Emmanoel Araújo é a base de um dos museus mais importantes do país.

As coleções dos artistas revelam não apenas a sua própria prática – o que eles veem no trabalho de outros que os impacta –, mas também que estão frequentemente na vanguarda de reconhecer e valorizar fenômenos antes subes-



Iole de Freitas, *Pés*
Acervo Galeria Raquel Arnaud

tímadados. Assim, é possível perceber que Sérgio Camargo foi um dos primeiros a identificar o talento de Hélio Melo, um artista autodidata do Acre, de modo análogo a como outros artistas abstratos como Ben Nicholson apoiaram o trabalho de Alfred Wallis, um pescador autodidata da Cornualha, na década de 1950. Olhar para as coleções de artistas é olhar para um espelho duplo que reflete os aspectos da psique de cada um deles, que poderiam não ser evidentes, e lançam luz sobre um sistema histórico de arte que é mais afetivo do que estilístico, mais intuitivo do que disciplinar.

Nessa exposição há nove diálogos entre artistas e suas coleções, que foram escolhidos não pela semelhança, mas por sua diversidade de abordagens ao colecionar. Além da

relação Camargo-Melo, a mostra apresenta uma gama de conversas artísticas que vão desde a abstração com as artes indígenas (Willys de Castro) até a performance conceitual com o mergulho em alto mar (Artur Barrio). Em cada caso, as coleções são baseadas no diálogo artístico, sem especulação ou preocupações museológicas.

Vício impune propõe um aprendizado: ao olhar para as conexões entre artistas e suas coleções, o público terá a oportunidade de descobrir algo novo sobre o trabalho de cada participante da mostra, exercitando a capacidade de imaginar alguma história alternativa da arte, enraizada em afinidade e desejo em vez de conceitos cartesianos de progresso, desenvolvimento estilístico ou hierarquias estéticas.

Dentre os artistas colecionadores, estão: Artur Barrio (Porto, Portugal, 1945), Iole de Freitas (Belo Horizonte, MG, 1945), Paulo Pasta (Ariranha, SP, 1959), Sérgio Carmo (Rio de Janeiro, RJ, 1930 - 1990), Tatiana Blass (São Paulo, SP, 1979), Thiago Martins de Melo (São Luís, MA, 1981), Tunga (Palmares, PE, 1952 – Rio de Janeiro, RJ, 2016), Waltércio Caldas (Rio de Janeiro, RJ, 1946) e Willys de Castro (Uberlândia, MG, 1926 - São Paulo, SP, 1988).

SERVIÇO

Exposição “Vício impune: o artista colecionador”

Curadoria de Gabriel Pérez-Barreiro

Até 30 de outubro

Galeria Raquel Arnaud

Rua Fidalga, 125 – Vila Madalena/SP

+55 11 3083-6322

www.raquelarnaud.com

terça a sexta 11h - 19h

sábado 11h - 17h

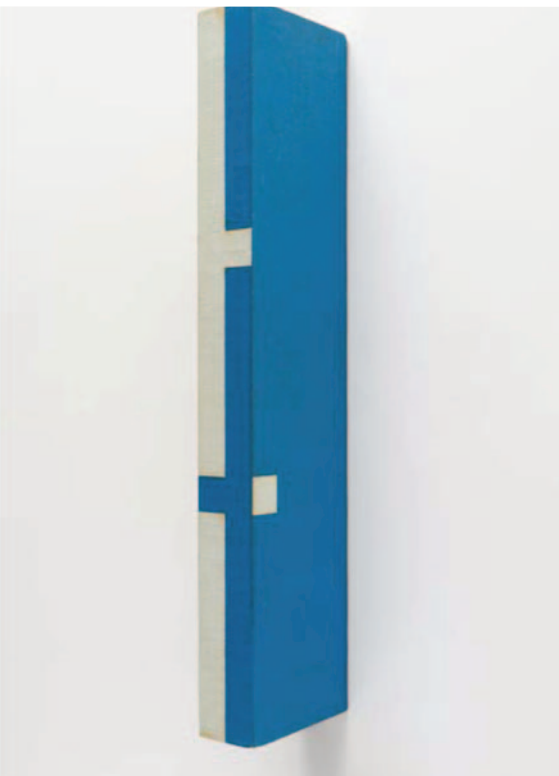
Galeria Millan

R Fradique Coutinho, 1360/1416 – SP

www.galeriamillan.com

Segundo a sexta 10h - 19h

Sábado, 11h - 15h



Willys de Castro, *Objeto ativo*
Acervo Galeria Raquel Arnaud



Thiago Martins de Melo, *Mãe primeira do fosso reencarnatório*

MENORCA, UM DESTINO PARA POUCOS



Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Para descobrir os segredos de Menorca, a mais catalã das ilhas Baleares, é preciso mais do que um mapa na mão



Sem dúvida a melhor opção para se locomover numa ilha que mede apenas 47 quilômetros de comprimento por 17 de largura é alugar um carro no aeroporto. Menorca, a mais autêntica e mais preservada das ilhas Baleares, é também a que melhor reveste o genuíno espírito catalão de ser.

Ao longo da única auto-estrada, que liga o norte ao sul, é possível descobrir os inúmeros pontos de interesse, como vilarejos adormecidos, portos, praias desertas, sítios arqueológicos, além de se deparar com paisagens espetaculares. O mais prazeroso é poder explorar todos os encantos desta ilha sem esbarrar em multidões, pois como num passe de mágica, Menorca permanece imune ao turismo de massa, mesmo no período de verão.

Embora pequena, as características topográficas da ilha variam: ao norte, o terreno é arenoso e a costa árida, exposta aos fortes ventos. Ao sul predominam as pedras calcárias e baías protegidas, onde se encontram as mais belas extensões de areia. Há praias que, de tão exclusivas e de difícil acesso, exigem muita astúcia além do mapa para serem descobertas. É o caso da tão falada *Cala d'Algaiarens*, localizada ao nordeste de Ciutadella, e considerada como a praia mais deslum-

brante da região, e que sequer está amparada por uma sinalização confiável.

O ideal é dispor de pelo menos três longos dias para conhecer Menorca seletivamente, como manda a cartilha do bom turista ecológico. Toda a ilha é uma Reserva da Biosfera da Unesco, o que ajudou a manter praticamente intactos uma cultura milenar e o dialeto local, o menorquín, além de assegurar para sempre o estado selvagem das praias e enseadas.

Mas foi graças a leis bem severas que Menorca se tornou o destino perfeito para quem despreza a vida noturna e preza pelo contato com a natureza e atividades ao ar livre. Esportes como surfe, windsurfe, vela, caminhadas, mountain bike e passeios a cavalo fazem parte da rotina turística.

Como mencionei antes, as praias de Menorca são especiais, embora em nada se pareçam às que estamos acostumados. E não deve ser feita comparação, pois existem as ultra exclusivas, como a *Cala Mitjana*, uma prainha aconchegante, cujo acesso pode ser feito a pé por uma belíssima trilha na flo-

resta, ou de carro até chegar quase na areia. O mar é translúcido e a vegetação em volta abundante, protegida do vento. A temperatura da água é sempre morna, o fundo é arenoso e não há ondas, o que torna esse pequeno oásis um lugar ideal para nadar.

A menor das ilhas Baleares é também a mais silenciosa, discreta e, em seu jeito próprio, a mais acolhedora. Na paisagem bucólica, onde a vida rural transparece a cada curva, há rebanhos de carneiros, bosques e colinas verdes. O povo é reservado, mas acolhe os forasteiros com educação e respeito. Para ganhar a confiança de um menorquín, é preciso



Praia da Cala Mitjaneta

demonstrar que estamos nessa ilha por acreditar que ela é um destino privilegiado.

No itinerário, não pode faltar uma visita aos vilarejos de Alaior, onde se encontra o melhor *queso de Mahón*, e Ferreries, cuja principal atração é o *outlet* de Jaime Mascaró, um artesão de Menorca que faz sucesso mundo afora com a sua marca de sapatos *Pretty Ballerinas*. Isso sem falar nas duas cidades mais conhecidas encravadas em cada extremo, Maó e Ciutadella, que atraem a maioria dos turistas. Ciutadella, com 28 mil habitantes, é repleta de butikues, lojas de artesanato e onde se fabricam as famosas sandálias menorquinas, exclusivas da ilha. Os modelos podem parecer esquisitos à primeira vista, mas são confortáveis e baratos.

Na praça mais importante, a *Plaça des Born*, há inúmeros cafés e, para almoçar, basta descer e vagar pelo cais, onde há dezenas de pequenos restaurantes e escolher um simpático local para comer frutos do mar. Mexilhões, lulas grelhadas, peixe fresco e especialmente a lagosta se tornaram a especialidade gastronômica de Menorca, sem dúvida, é o que se come de melhor.

Algumas das melhores atrações estão em Ciutadella, a antiga capital da ilha, festeira por natureza, por onde circula a maioria dos turistas. Deve ser visitada a pé, sem pressa, com intenção de se embrenhar no labirinto formado pelas ruelas estreitas do centro histórico.



O festival anual mais popular é o de São João, nos dias 23 e 24 de junho, quando há procissões, fogos de artifício e cavaleiros fantasiados desfilando pelas ruas principais. Outro lugar incrivelmente atraente é a *Platges de Fornells*, um vilarejo cravejado de casinhas brancas, muitas com um aviso de *aluga-se para a temporada*. O cenário agradável se compõe harmoniosamente com o pequeno porto com inúmeros bares e restaurantes, e decorado pelos barcos coloridos ancorados ao seu redor. É o típico lugar para turista se divertir fazendo shopping e perambular pelas ruas de pedestres e ao longo do cais. Não deixe de almoçar (ou jantar) no reputado *Es Cranc Pelut* (Paseo Marítimo, 971 37 6743 e faça reserva!) para degustar a famosa especialidade regional, a *caldedreta de lagosta* que, além da comida suculenta, ainda conta com a atenção especial dispensada pelo proprietário e a sua família a todos os



comensais estrangeiros. Localizado em frente à orla, tem ambiente agradável e descontraído.

O ideal é completar a exploração da ilha com um giro por Mahón (ou Maó, segundo a grafia local). A capital de Menorca não apenas emprestou seu nome ao queijo mais famoso fabricado na Espanha, como teve uma história turbulenta ao longo dos séculos passados.

O seu porto é considerado o segundo maior porto natural do mundo e um dos mais protegidos do Mediterrâneo. A orla abriga dezenas de restaurantes e cafés ao ar livre, onde as pessoas sentam para contemplar o movimento de barcos e pedestres, diante de uma cerveja ou um cappuccino.

Mais informações www.menorca.islasbalears.com





Sandálias menorquinas

COMO CHEGAR:

De Madrid e várias cidades da Espanha, há vôos diretos para Menorca com a Iberia e Spanair.

ONDE FICAR:

Agroturismo Ca Na Xini

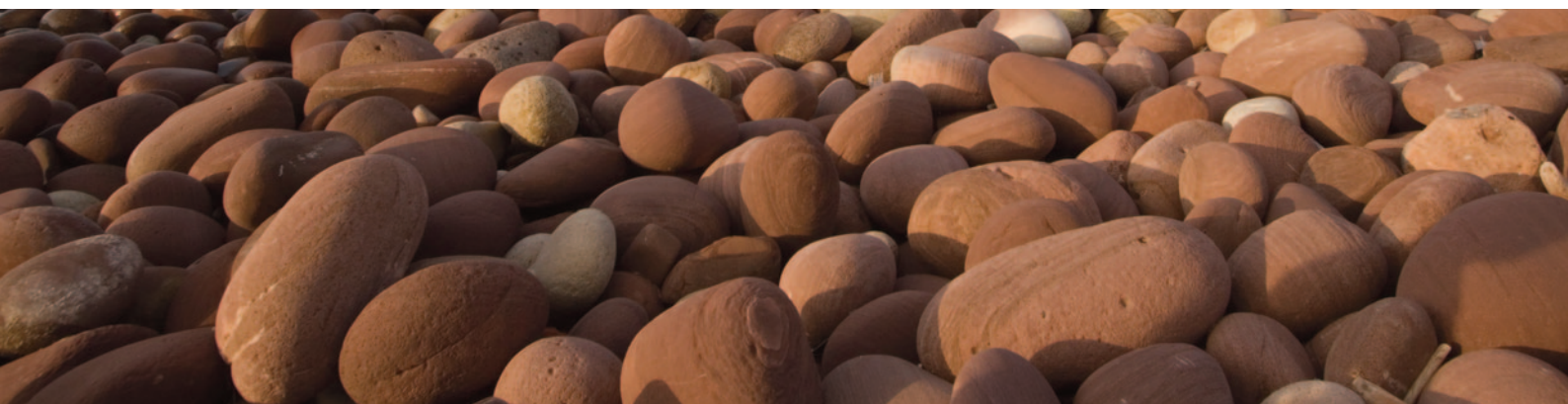
Cami de Sant Patrici s/n , Ferreries

www.canaxini.com

Outrora um palacete, esse hotel rural é também conhecido como *lloc* no dialeto local. Faz parte da hospedagem de agroturismo, típica de Menorca. A construção é um belo contraste do ultra moderno *high tech* inserido no interior de uma autêntica finca. Tudo emoldurado por um parque, vinhedos, jardim e piscina. Apenas oito suítes luxuosas, todas personalizadas, com conforto total. Nos fundos, funciona uma queijaria artesanal.



Agroturismo Ca Na Xini



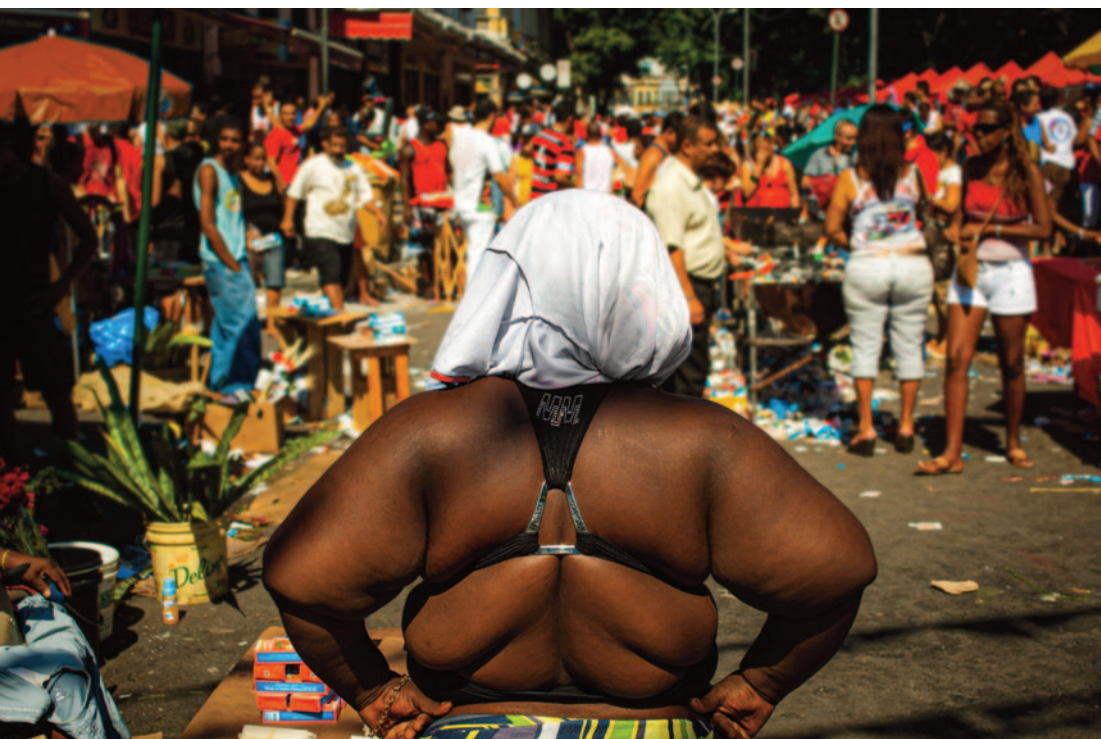


“CRÔNICAS
CARIOCAS”,
principal exposição
de 2021 no MAR –
Museu de Arte
do Rio, mostra
o Rio que se
embeleza
e finge não ver
o subúrbio

A exposição foi pensada para escutar e discutir o Rio de Janeiro que não está nos livros, mas que figura no imaginário coletivo daqueles que vivem e respiram a cidade em toda sua complexidade. A montagem dá vida às histórias cotidianas; relações com a vizinhança; festas; encontros dos ônibus lotados e calçadas. Por trás daquilo que é exportado ao mundo, propõe-se narrar o Rio que se embeleza e finge não ver os subúrbios. A exposição fica em cartaz até 31 de julho de 2022

Para Amanda Bonan, uma das curadoras da exposição, o cenário pandêmico em que vivemos foi preponderante para a concepção da mostra. *"Pensamos a partir da frase impactante e fundamental de Ailton Krenak: 'É preciso adiar o fim do mundo para contar mais uma história'. Mas que histórias seriam essas que valeriam a pena continuar contando hoje? Vamos falar dessa cidade partida"*, afirma.

Ao todo quase 600 obras de arte — nos mais diversos suportes, como vídeos, objetos, instalações, fotografias e pinturas — ocupam três galerias do museu, cuja arrumação confere ares labirínticos ao local. Cada pedaço de parede revela momentos do Rio. Do orgulho negro às noites eróticas. Desse total de peças, 79 já faziam parte do acervo museológico do MAR. Visando incentivar a produção artística e fortalecer o papel social da institu-



*São Jorge e o Devir,
Thales Leite*



Ônibus em inundação no Jardim Botânico, Evandro Teixeira

ção, a exposição também conta com obras comissionadas, criadas especificamente para a mostra.

Entre os cerca de 110 artistas que participam da montagem, destacam-se Sônia Gomes, Lucia Laguna, Rosana Paulino, Brígida Baltar, Denilson Baniwa, Alexandre Vogler, Bispo do Rosário, Laerte e Bastardo.

Nomes contemporâneos, a exemplo de Guignard, Di Cavalcanti, Lasar Segall e Mestre Didi, também compõem a coletiva. Além de Bonan, assinam a curadoria o curador-chefe do museu, Marcelo Campos, o historiador Luiz Antônio Simas e a escritora Conceição Evaristo.

Segundo Campos, “Crônicas Cariocas” trata de um Rio que apesar dos pesares revive diariamente. “Ela fala da cidade suburbana, cujo afeto é o amálgama das re-

lações e histórias miúdas. Um Rio que reza e dança, que inventa seus próprios deuses, enquanto se organiza no trabalho informal e na poesia dos trens e das praças. Um Rio que viu seus cinemas fecharem, suas linhas de ônibus deixarem de ligar as zonas Sul e Norte, mas que, ainda assim, nasce e renasce todos os dias”, salienta.

Simas destaca que a crônica é um gênero literário carioca por excelência. “Machado de Assis fala disso, que a crônica começa quando duas vizinhas falam do calor e a história se desenrola. Mas ela não se limita à literatura. A crônica está presente na música popular, nas conversas cotidianas, nas sociabilidades construídas nos botequins, nas esquinas, no convívio com as rezadeiras, enfim. É disso que se trata”, afirma.

Mais informações em www.museudeartedorio.org.br



Faca hohenmoorer

Foto: Divulgação

CONHEÇA FACAS QUE FAZEM A ALEGRIA DOS *CHEFS* E COZINHEIROS

Quem gosta de cozinhar ou tem nessa atividade uma profissão, sabe o valor de uma boa faca. Ou um bom jogo de facas, para sermos mais exatos. E não é de hoje! As primeiras facas da história apareceram há mais de 2,5 milhões de anos. Eram feitas inicialmente de pedras e ossos lascados e fizeram a diferença na evolução humana. Veja dicas para manter as facas sempre novas

Atualmente é possível escolher facas de variados formatos ou materiais, feitas em fábricas ou por artesãos. Todas com funções específicas para atender aos desejos e necessidades de *chefs* e cozinheiros, seja cortar, fatiar, para carnes, legumes ou frutas, para furar e desossar, entre outros.

Ao escolher uma faca, é preciso observar a qualidade do material, o objetivo do produto, a forma como será usada e armazenada. O peso dela e de que é feito o cabo ou punho. Com essas informações, é possível selecionar os produtos mais adequados.

ARTESANAL OU INDUSTRIAL

Hoje há fábricas nacionais e internacionais excelentes. E também cuteleiros de renome, com produtos que podem ser adquiridos em qualquer lugar do mundo.

No Brasil, o e-commerce Manufakt (www.manufakt.com.br) tem opções de alta qualidade.

Um bom exemplo são as peças de Ulrich Hennieke, com a marca **Hohenmoorer**. Depois de quase duas décadas fazendo facas e trabalhando como cuteleiro, Hennieke começou a projetar e produzir sua própria linha de lâminas forjadas à mão na cidade de Asendorf, na Alemanha. São facas elaboradas com aço carbono de alta dureza, apresentando fio mais duradouro e um corte mais preciso do que as tradicionais facas de aço inoxidável. Feitas à mão por Hennieke e sua equipe, elas têm perfis distintos e contemporâneos e, por mais que sigam um modelo base, nunca são totalmente iguais.

Já na linha industrial, a italiana Legnoart produz facas de alta qualidade, com destaque para o belo design e



Kit Legnoart



Faca Nesmuk para fatiar



Faca Boker cabo sintético

cabos de madeira de vários tipos. As facas da marca se destacam pelo design, sendo que várias delas levam a assinatura do designer italiano Enrico Albertini. Um exemplo é a faca para carne **Angus**, com cabo em madeira escura, feita com lâmina de aço japonês, o produto tem acabamento espelhado e fio de alta duração. O *set* com quatro facas vem numa luxuosa caixa de madeira maciça.

Com fábrica na Alemanha, as facas da marca **Nes-muk** se destacam pelo aço, que em alguns modelos top de linha também conta com nióbio, raro elemento que garante a mais fina estrutura de aço possível juntamente com a resistência à corrosão. O resultado final é uma afiação requintada, maior vida útil e desempenho de corte.

A faca da **Böker**, não poderia ficar de fora. Surgiu na Alemanha, ainda no século XIX, hoje uma referência mundial em cutelaria! A fabricante alemã figura o ranking das mais tradicionais quando o assunto são facas artesanais, algumas delas com o desejado aço damasco. Além de facas, a Böker também produz canivetes e outros itens de aço, destacando-se pela inovação e qualidade artesanal das peças.

O Brasil também possui facas industriais e artesanais de ótima qualidade, que garantem o nível de maciez dos alimentos, com precisão do corte. Na lista das melhores facas do ano, constam algumas da linha *Tramontina* (para cortar, fatiar, picar e filetar) e a artesanal *Facas Gaucha*, especial para churrasqueiros amadores e profissionais.

CUIDADOS A SEREM TOMADOS COM SUAS FACAS

Limpe a lâmina da faca com um pano limpo ou lave-a suavemente após cada utilização, evitando detergentes agressivos ou esponja abrasiva.

É recomendável lavar sua faca à mão, secá-la e armazená-la em algum lugar que não entre em contato com outros objetos ou utensílios.

Seque a lâmina logo após a lavagem.

Nunca utilize máquina de lavar louça.

Guardar separado de outros talheres ou utensílios, pois com o atrito a lâmina pode riscar. De preferência usar a própria caixa ou um suporte magnético.

A afiação das facas deve sempre ser feita com pedras de amolar adequadas para este fim ou com afiador de couro diamantado (*strop*).

Mantenha as facas afiadas corretamente e sempre amoladas. Facas cegas fazem com que coloquemos mais força nos trabalhos, facilitando acidentes

Não é aconselhável cortar sobre superfícies de vidro, cerâmica, metal ou pedra, pois a faca perderá o fio mais rapidamente. De preferência sempre utilizar planos de corte de plástico ou madeira.

Mais informações em

[https://lista.mercadolivre.com.br/facas-chef#D\[A:facas%20chef\]](https://lista.mercadolivre.com.br/facas-chef#D[A:facas%20chef])

SUPERNOVA

MAM Rio lança programa de exposições individuais, contemplando a produção artística das diferentes regiões do país

Projeto será inaugurado com mostra de Ana Clara Tito, que desenvolveu obras inéditas em resposta ao espaço do museu



Ana Clara Tito, Escultura *Os usos da raiva - momento 7*
Foto: Wallace Domingues

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) lança esse mês o projeto *Supernova*, que traça um panorama da produção artística contemporânea no Brasil. O programa de exposições individuais cria uma plataforma de obras comissionadas e mapeia as práticas que constituem a contemporaneidade em função de diversos contextos e múltiplas linguagens. Sob a curadoria de Beatriz Lemos, Keyna Eleison e Pablo Lafuente, *Supernova* abre com quatro artistas de geografias diversas e práticas distintas: Ana Clara Tito, a partir do dia 9, Sallisa Rosa, em novembro, e Uýra Sodoma e Militina Garcia Serejo, em 2022.

Cada exposição oferece uma situação excepcional, similar ao fenômeno astronômico *Supernova*. De acordo com Beatriz Lemos, “o programa abre espaço para artistas cujas poéticas e presenças se estabelecem na constante negociação com o sistema da arte.” Para a curadora, ao convidar artistas de múltiplas geografias a desenvolver projetos de exposições individuais, o MAM Rio se torna também um espaço de formação profissional, oferecendo a eles a oportunidade de se familiarizarem com os processos próprios da instituição: “As exposições apresentarão majoritariamente obras inéditas, pensadas para ocupar o museu a partir da relação com seu entorno e arquitetura”.

Supernova é uma explosão estelar poderosa e luminosa. Este evento astronômico transitório ocorre durante os últimos estágios evolutivos de uma estrela massiva ou quando um remanescente estelar inicia uma fusão nuclear descontrolada. O pico de luminosidade ótica de uma supernova pode ser comparável ao de uma galáxia inteira.



Ana Clara Tito, Foto-escultura *Sem título (Fuga)*
Foto: Wallace Domingues

Ana Clara Tito, Complexo *Sem título (Detalhe)*
Foto: Wallace Domingues



No dia 9, a mostra *“Aquila que se degrada segue em frente”*, de Ana Clara Tito, marca o lançamento do programa. Ainda em novembro desse ano, será a vez de Sallisa Rosa. Já Uýra Sodoma e Militina Garcia Serejo terão suas individuais em 2022. Cada exposição será sempre acompanhada de uma publicação monográfica, contribuindo para uma ampla representação da cena artística contemporânea brasileira.

A individual de Ana Clara Tito é focada em um trabalho específico que ela nomeia de *“complexo, um tipo de obra que prefiro não chamar de instalação”*, explica. Apoiada nesse conceito, as obras da artista ocuparão as paredes e o piso da área expositiva do MAM Rio, criando um contínuo de objetos, materiais e composições, até o dia 6 de fevereiro de 2022.

Fabio Szwarcwald, diretor institucional do MAM Rio, considera o projeto de máxima importância: *“Pensar a arte brasileira a partir de produções diversas, em linguagens e autorias, é fundamental na compreensão daquilo que somos. O panorama apresentado por Supernova, como um programa contínuo do museu, será efetivo para conhecermos os muitos ‘Brasis’ de Norte a Sul, Leste a Oeste”*.

SOBRE ANA CLARA TITO

Nascida em 1993, em Bom Jardim (RJ), a artista revela em sua produção o interesse pelos campos da arqueologia e da arquitetura, transformando materiais da construção civil em trabalhos escultóricos, instalativos

e fotográficos. Graduada em Desenho Industrial pela Uerj, com parte dos estudos na *York University*, em Toronto, Canadá, Ana Clara realizou exposições individuais no Centro Cultural São Paulo, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, e na Fundação de Artes de Niterói.

A artista coleta materiais em garimpos pelas ruas, leva para seu ateliê e desenvolve técnicas próprias, como bolos de arames que ganham inusitadas amarrações. *“Faço muitas coisas com esses materiais que entendo como corpos, que têm histórias e me trazem algo. Nesse diálogo entre mim e o material, meu trabalho se revela. Tenho interesse pelas entranhas, então geralmente pego materiais estruturais de construção civil, que não têm revestimento, e sempre procuro perceber se estes fragmentos me revelam algum outro material”*, comenta Tito. *“Como exemplo da minha relação com esses objetos, em um dos trabalhos tenho vergalhões aos meus pés, que vou dobrando sobre meu próprio corpo e, nesse ato, crio uma escultura”*.

SERVIÇO

SUPERNOVA

Ana Clara Tito, *Aquila que se degrada segue em frente*
9 de outubro de 2021 a 6 de fevereiro de 2022

MAM Rio – Av. Infante Dom Henrique, 85

Aterro do Flamengo/RJ – Tel: (21) 3883-5600

<https://www.mam.rio/>

Horários: Quintas e sextas, das 13h às 18h

Sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h



Instituto Moreira Salles Paulista inaugura
exposição sobre a vida, a obra e o legado
da escritora CAROLINA MARIA DE JESUS

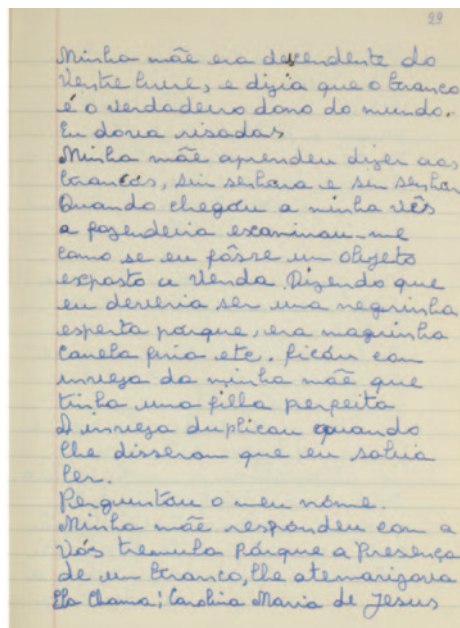
A mostra, que estará em cartaz até 30 de janeiro de 2022, apresenta ao público facetas pouco conhecidas da trajetória da escritora, reforçando a importância do seu projeto literário e do seu legado como intérprete do Brasil. Fruto de uma pesquisa de quase dois anos, a seleção reúne aproximadamente 300 itens entre fotografias, manuscritos, vídeos e material documental. Traz ainda obras de cerca de 60 artistas que dialogam com a produção de Carolina

Fotos: IMS SP / Divulgação

A exposição "*Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*" entrelaça diferentes linguagens e apresenta a trajetória e a produção da escritora. A curadoria é do antropólogo Hélio Menezes e da historiadora Raquel Barreto; a assistência de curadoria, da historiadora de arte Luciara Ribeiro. A mostra conta ainda com o trabalho de pesquisa da crítica literária e doutora em letras Fernanda Miranda.

Dividida em 15 núcleos temáticos, a exposição ocupa o 8º e o 9º andares do Instituto, tendo obras presentes também no 5º andar, no térreo e na avenida Paulista. A mostra apresenta as reflexões de Carolina de Jesus (1914-1977) ao longo de sua trajetória, da infância na cidade de Sacramento (MG), no contexto pós-abolição da escravidão, passando por sua chegada à capital paulista, pelo lançamento e pela repercussão de seus livros, até o fim de sua vida, em Parelheiros (SP).

A seleção curatorial evidencia como Carolina interpretou as contradições, a política e a desigualdade do Brasil de seu período. A exposição ressalta também a



importância histórica da autora para pautas como o antirracismo, as lutas pelo letramento e pela moradia.

O título da mostra — *Um Brasil para os brasileiros* — remete a dois cadernos originais de Carolina, desde 2006 sob a guarda do IMS. Em 1975, os manuscritos foram entregues pela autora à pesquisadora Clélia Pisa,

que a entrevistou, juntamente com Maryvonne Lapouge, para o livro *Brasileiras*, publicado apenas na França. Após o falecimento de Carolina, os cadernos foram editados na França e publicados em livro, em 1982, com o título *Journal de Bitita*. Em 1986, a obra foi traduzida diretamente do francês e lançada em português como *Diário de Bitita*.

Assim como boa parte da produção de Carolina, em seu processo de edição, o livro sofreu diversas alterações que desrespeitaram o texto da autora, a começar pela modificação do título original, Um Brasil para os brasileiros, frase atribuída ao político, jurista e escritor Ruy Barbosa (1849-1923).

Os manuscritos são o fio condutor da mostra, sendo exibidos logo na entrada. Na exposição, os textos de Carolina em sua própria letra aparecem em diversos formatos e percorrem toda o seu percurso literário. Abordam a história e a recepção de suas obras e

mostram a amplitude e a complexidade de sua produção, em grande parte presente em cadernos manuscritos ainda não publicados.

Para além do *Quarto de despejo* (1960), obra pela qual ficou mais conhecida e em que relata seu cotidiano na favela do Canindé, São Paulo, a autora lançou em vida: *Casa de alvenaria* (1961), *Pedaços da fome*, cujo título original era *A felizarda* (1963), e *Provérbios* (1963). Após sua morte, foram publicados *Diário de Bitita* (1986) e outras edições independentes reunindo textos seus. Em sua trajetória, Carolina escreveu ainda poemas, crônicas, peças de teatro e letras de música, a maioria também ainda inédita.

Ao longo da mostra, o público também encontra fotografias pouco conhecidas da artista. Há imagens em que a autora aparece sorrindo, usando roupas elegantes, como sobretudos e colares de pérolas, com o cabelo à mostra, de forma altiva. O conjunto traz, por



exemplo, um registro de Carolina no aeroporto, em 1961, antes de embarcar para o lançamento de *Quarto de despejo* no Uruguai. Em outras fotos, ela aparece em um programa de televisão com os filhos, (1962), ou, ainda, em 1963, utilizando um vestido que confeccionou especialmente para o Carnaval daquele ano.

Ao reunir essas fotografias, a exposição procura apresentar uma nova visualidade da autora, em contraponto às imagens mais difundidas, que a retratam quase sempre de modo perfilado, cabelos cobertos por um lenço, com uma expressão por vezes séria e cabisbaixa, que acabou se tornando um símbolo associado à escritora.

Com o objetivo de ampliar essa narrativa visual, a equipe de curadoria convidou o artista Antonio Obá para conceber um novo retrato de Carolina, intitulado *Meada*, um dos principais destaques da exposição. Além de Obá, participam da exposição outros artistas, tanto com obras comissionadas quanto selecionadas. Os trabalhos estão distribuídos por todos os núcleos expositivos, tecendo diálogos poéticos com os documentos e as imagens exibidos.

A seleção inclui desde artistas que viveram no mesmo período de Carolina e tiveram trajetórias próximas à sua, como Heitor dos Prazeres (1898-1966), Maria Auxiliadora (1935-1974) e Madalena dos Santos Reinbolt (1919-1977), até nomes contemporâneos, como Ayrson Heráclito, Dalton Paula, Eustáquio Neves, Paulo



Nazareth, Rosana Paulino, Silvana Mendes, Sonia Gomes e o coletivo Encruzilhada, entre outros.

Na Avenida Paulista, próximo à entrada da sede do IMS, por exemplo, encontra-se a escultura *Uma palavra que não seja esperar* (2018), de Flávio Cerqueira. Tendo o bronze como matéria-prima, a obra representa uma menina carregando uma pilha de livros em sua cabeça. Em diálogo, numa pilastra no térreo do IMS, há um poema de Carolina, "*Quando eu morrer*", reproduzido do original, na letra da autora.

Outro assunto recorrente na produção de Carolina é a maternidade. A artista foi mãe solo de três filhos. Suas reflexões sobre a questão — expressas em frases como "*Dia do papai. Um dia sem graça*", presente em *Quarto de despejo* — reverberam nas discussões de hoje. A mostra apresenta um núcleo dedicado ao tema, com registros de Carolina com seus filhos, incluindo três fotos raras, que pertenciam à própria autora.

Além de sua obra literária, Carolina compunha canções, cantava, tocava violão e costurava. Essa faceta da artista, ainda pouco conhecida, está retratada no 9º andar. Em 1961, por exemplo, um ano após lançar *Quarto de despejo*, a escritora gravou o disco homônimo, com músicas de sua autoria. Composto por 12 faixas, o raro LP, que pertence ao Acervo José Ramos Tinhorão, sob a guarda do IMS, é exibido na exposição.

A mostra aborda ainda as experimentações de Carolina com tecido, material que está na base das cri-

ações de artistas como *Rainha Favelada*, que apresenta uma obra comissionada para a exposição, e Arthur Bispo do Rosário.

A exposição termina com vídeos e trabalhos que reforçam o impacto da obra da artista na atualidade. "*Carolina tornou-se um símbolo de resistência para os movimentos negros contemporâneos, referência para vertentes do feminismo negro, para a literatura de autoria negra e periférica. Um ícone de um Brasil insubmisso, que colocou em cheque um projeto de modernidade excludente, que era moldado quando a autora lançou seu primeiro livro*", afirma a curadoria.



Mais informações em

<https://ims.com.br/unidade/sao-paulo/>

MINHA VIZINHA SUTTON HOUSE

Maria Hermínia Donato



Salão de linho dobrado com painéis em Sutton House

Foto: National Trust

O apartamento onde eu moro me achou.

Numa manhã de sol (os dias de sol aqui são contados nas pontas dos dedos, e me lembro da surpresa que tive quando uma amiga zangada com tanto sol pedia

que a chuva caísse no Rio de Janeiro!), fui ao seu encontro e me apaixonei.

Ao entrar na rua, tive um momento “*Uau!*”, dirigi e assisti um filme cujas protagonistas eram “*ladies*” geor-



Pátio da Sutton House

Foto: Coleção Sutton House

gianas (lembrando os retratos de Thomas Gainsborough, pintor inglês, 1743-1808) passeando nas calçadas e nos jardins da igreja de São João.

O estilo da arquitetura georgiana (1714 a 1830, durante os reinados de Jorge I, II, III e IV) é variável, sempre com proporções clássicas inspiradas nos antigos templos gregos e romanos, com regras de simetria específicas. Proporções baseadas em quadrados são usadas para determinar o tamanho das janelas e sua relação entre si: o espaço ocupado por cada uma no primeiro e no segundo andar deve formar um quadrado.

As casa georgianas da minha rua são geminadas, idênticas e construídas em tijolos. Colírio para meu

olhos quando abro as cortinas das janelas do quarto pela manhã.

Pertencer a uma comunidade de moradores ativos e preocupados em preservar a história da área onde moramos foi outra descoberta incrível. De vez em quando, é importante parar e apreciar as memórias contidas no lugar que vivemos.

Empenhada em descobrir a história da vizinhança fui visitar a *Sutton House*, uma das casas mais antiga de Londres.

Construída para um membro da corte dos Tudors em 1535, ela foi alterada de tempos em tempos por uma sucessão de ocupantes, mercadores de seda, diretores

de internato de meninos e meninas, famílias Huguenotes (exilados protestantes franceses perseguidos no reino de Luiz XVI), padres, sindicalistas e sem tetos.

Sua história reflete as mudanças que ocorreram em *Hackney* (bairro ao oeste de Londres) e sua habilidade ou sorte de se adaptar às mudanças culturais e sociais.

Em 1936, quase foi demolida pelo valor de seu terreno e seus painéis de madeira. Em 1987, quando não foi encontrado nenhum inquilino, estava novamente em risco, abandonada e prestes a ser convertida em apartamen-

tos de luxo. Essas crises aconteceram por não se ter conhecimento sobre a história da casa, e muito poucas informações foram encontradas, como contas, planos, papéis e objetos pessoais de antigos moradores.

O que se sabe hoje foi um trabalho de detetive, ciência e tecnologia, a partir de pesquisas realizadas nos materiais utilizados na construção.

No século XVI Hackney era uma área rural. Sir Ralph Sadleir – um cortesão proeminente do rei Henrique VIII constrói Sutton House em 1535.

Salão de banquetes Tudor

Foto: Sebastien Marchand



Protegido por Thomas Cromwell (importante ministro do rei Henrique VIII), entra no serviço real em 1518, com 11 anos. As habilidades e eficiência de Cromwell em questões governamentais – especialmente o divórcio de Henrique VIII e Catarina de Aragão – facilitaram a ascensão de Ralph Sadleir a principal secretário de Estado do rei Henrique VIII.

Ralph tinha cerca de 28 anos quando se estabeleceu no que era então um subúrbio agradável, saudável e retirado rural para cortesãos ricos. Na época, Sutton House era chamada de *Bryk Place* (casa de tijolo) por ser uma casa construída inteiramente de tijolos, quando a maioria era feita com vigas de madeira entrelaçadas com vime.

Ralph se casa em 1533 com Ellen Barre, uma parente distante de Cromwell, de origem simples, abandonada com dois filhos pelo primeiro marido. Um casamento por amor levando em consideração as possíveis pretendentes que transitavam pela corte do rei.

Conta a história que certo dia Matthew Barre, de Sevenoaks, em Kent, aparece dizendo ser o marido da senhora Sadleir, e um ato privado no parlamento anula o casamento com Barre evitando que as sete crianças do casal fossem ilegítimas.

John Machell, xerife de Londres, e sua esposa Jane compram a casa de Sadleir. O filho mais novo herda a propriedade e a perde para poder pagar suas dívidas

com o agiota Sir James Deane.

A partir de meados da década de 1620, a Sutton House, ainda *Bryk Place*, foi propriedade do capitão John Milward, governador da Companhia das Índias Orientais. Ele constrói a grande escadaria decorada com pinturas em trompe l'oeil e instala requintados painéis de madeira esculpidos para parecer dobradas de linho (apenas a abadia de Westminster e Hampton Court têm painéis semelhantes do século XVI).

Em 1751, houve a adição de uma fachada georgiana e o interior foi dividido em duas metades distintas chamadas *Milford House* e *Ivy House*. Cada uma funcionava como residência independente. A casa se tornou uma escola para meninos e, em seguida, uma escola para meninas em *Milford House*.

Importante destacar que chamar a casa de Sutton House é um erro, porque Thomas Sutton, fundador da escola *Charterhouse School*, morava na casa ao lado, demolida em 1806 para dar espaço a uma fileira de casas georgianas.

DESCOBERTA DE HILARY MANTEL

Enquanto escrevia a trilogia que começa com o livro *“Wolf Hall”*, a premiada escritora inglesa Hilary Mantel, que conquistou fama e prestígio ao investigar personagens que moldaram a Inglaterra, foi à Sutton House. Sadleir é personagem dos seus livros, homem duro,



Salões Tudor e paredes de invasores

Foto: National Trust Images / Dennis Gilbert

cauteloso, inteligente e, surpreendentemente para sua época, um homem de certa integridade.

E foi no porão da casa que Mantel achou os vestígios reais do passado, como a carne e o sangue do prédio. Os tijolos Tudor, pequenos tijolos feitos em moldes de madeira que os operários marcaram com um X, ou outras marcas, pontos e espirais como assinaturas ou amuletos de boa sorte.

Em um dos tijolos, a autora percebe a marca da pata de um cachorro e escreve: *“Ao ver a pegada do cachorro, comecei a sentir a primavera de 1535, quando Thomas More ainda estava vivo e as pérolas ainda quentes no pescoço de Ana Bolena. Foi então que o choque do passado se estendeu e me atingiu nas coste-*

las. Eles estavam tão vivos quanto eu, por que não posso tocá-los?”

Em 1891, o reitor de Hackney comprou Sutton House e novamente a transformou em um centro social para jovens. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi usada como um ponto de vigilância para os bombeiros; depois da guerra, alugada para um sindicato.

Abandonada, em 1982 foi ocupada por jovens (chamada de *Casa Azul*) que realizavam concertos de rock e pintavam as paredes com grafite. Num fim de semana, quando a casa estava vazia, o painel de madeira foi roubado e devolvido pelo dono do antiquário por ser muito valioso e difícil de vender.

Talvez pela localização mais distante do centro de Londres e por não ter sido preservada por seus inúmeros proprietários, a *National Trust* (associação que preserva e cuida de propriedade históricas) adquiriu a casa em 1938. E somente em 1994 abriu suas portas à visitação pública.

O QUE VER EM SUTTON HOUSE?

Linenfold Parlor (sala do linho dobrado) recebe esse nome porque os painéis das paredes foram esculpidos para parecerem tecidos drapeados. O revestimento de madeira popular na época dos Tudor era um item de luxo. As pessoas mudavam de casa, mas levavam consigo os painéis, junto com os vidros das janelas e tapeçarias.

Great Chamber (Grande Gabinete) imponente usado para banquetes, revestido com painéis de carvalho (cerca de 1610). Nas paredes, um retrato de Sir Ralph Sadler de Standon, neto de Ralph Sadler; em frente, dois retratos: Sir Edwin Sadler, outro dos descendentes de Ralph, e sua esposa, ambos pintados em 1687. Serviu como uma sala de reunião durante os vários períodos em que Sutton House foi usada como uma es-

cola de 1657 a 1741, quando a casa acomodou a escola feminina da Sra. Freeman. No início de 1900, foi a sala de bilhar do Instituto da Igreja de São João.

Sutton House atrai por ser eclética: possui elegante sala de estar georgiana, uma cozinha Tudor, uma pequena igreja no porão, uma sala vitoriana. Agora o que nunca vi em nenhuma outra propriedade do *National Trust* foi um quarto coberto de grafites com uma cama no chão e LPs espalhados no tapete.

Saindo de Sutton House, andei até os Jardins da igreja de São João, nos domingo os sinos que pertenciam à antiga igreja de santo Agostinho (hoje só sobrevive a torre medieval de 1275) tocam pela manhã e à tarde.

Depois de 40 anos em Londres é a primeira vez que vivencio parte da sua História.

Sutton House, 2 and 4 Homerton High Street,
London E9 6JQ

Email: suttonhouse@nationaltrust.org.uk

Website: <https://www.nationaltrust.org.uk/sutton-house-and-breakers-yard>



Exterior da Sutton House
Foto: Ethan Doyle White

Oxigene seu negócio.
Aqui você só encontra notícias boas.
Revista mensal, online e gratuita.

OXIGÊNIO
revista

SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT
oxigeniorevistabr@gmail.com